

---

# Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras)

## II: a *terra sigillata*

EURICO DE SEPÚLVEDA\*

ÉLVIO MELIM DE SOUSA\*\*

VÍTOR CORDEIRO DE SOUSA\*\*\*

### R E S U M O

Os autores começam este estudo com uma breve introdução ao Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras) e ao seu acervo, passando, numa segunda parte, a referir a importância do actual território do concelho de Torres Vedras no período romano, bem como a relação deste com *Olisipo*, *Scallabis* e *Eburobrittium*.

O estudo da cerâmica em *terra sigillata* incide sobre uma colecção de 50 peças, constituída por diferentes fabricos, na qual, e devido à ausência de contextos estratigráficos, os autores tiveram que recorrer ao método tipológico para classificação e atribuição de cronologias.

### A B S T R A C T

This paper is concerned with the study of a collection of 50 sherds of *terra sigillata* belonging to the Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras). As no stratigraphic contexts were related to the collection, the authors gave chronologies through the established typologies.

A brief introduction to the reserves of the Museum and its own collections were given as well as the story of the Torres Vedras territory and its relations with *Olisipo*, *Scallabis* and *Eburobrittium* in the Roman times.

Não abundam, entre nós, Museus como o de Torres Vedras.

Esta unidade, durante muitos anos foi (e ainda o é), de certo modo, considerada um “modelo” do que se devia (e deve) fazer a nível dos Museus Municipais, essencialmente a nível do projecto museológico geral, da maquetagem, da adaptação arquitectónica do edifício-sede, dos suportes expositivos e da conservação preventiva. Reportamo-nos, aqui, à concepção actual da unidade

(Convento da Graça), resultante da reestruturação museal interna de que foi alvo a instituição, em 1992, e que culminou, não só um longo período de encerramento, como várias mudanças de instalações (Júnior e Luna, 1990, p. 38-43).

Situado tecnicamente no escalão dos “Museus de Região”, no sentido mais lato da expressão, e encerrando, de resto, colecções de diferentes tipos — como se infere do seu estatuto de recinto perpetuador de memórias regionais —, o Museu Municipal de Torres Vedras conserva um importante conjunto de artefactos arqueológicos (e epigráficos), o qual se destaca, em nosso entender, das demais colecções, quer pela sua quantidade, quer, sobretudo, pela sua grande qualidade. Refira-se, igualmente, a existência, em paralelo, de uma colecção iconográfica, que se pode considerar ímpar, com acervo que remonta aos finais do século XV.

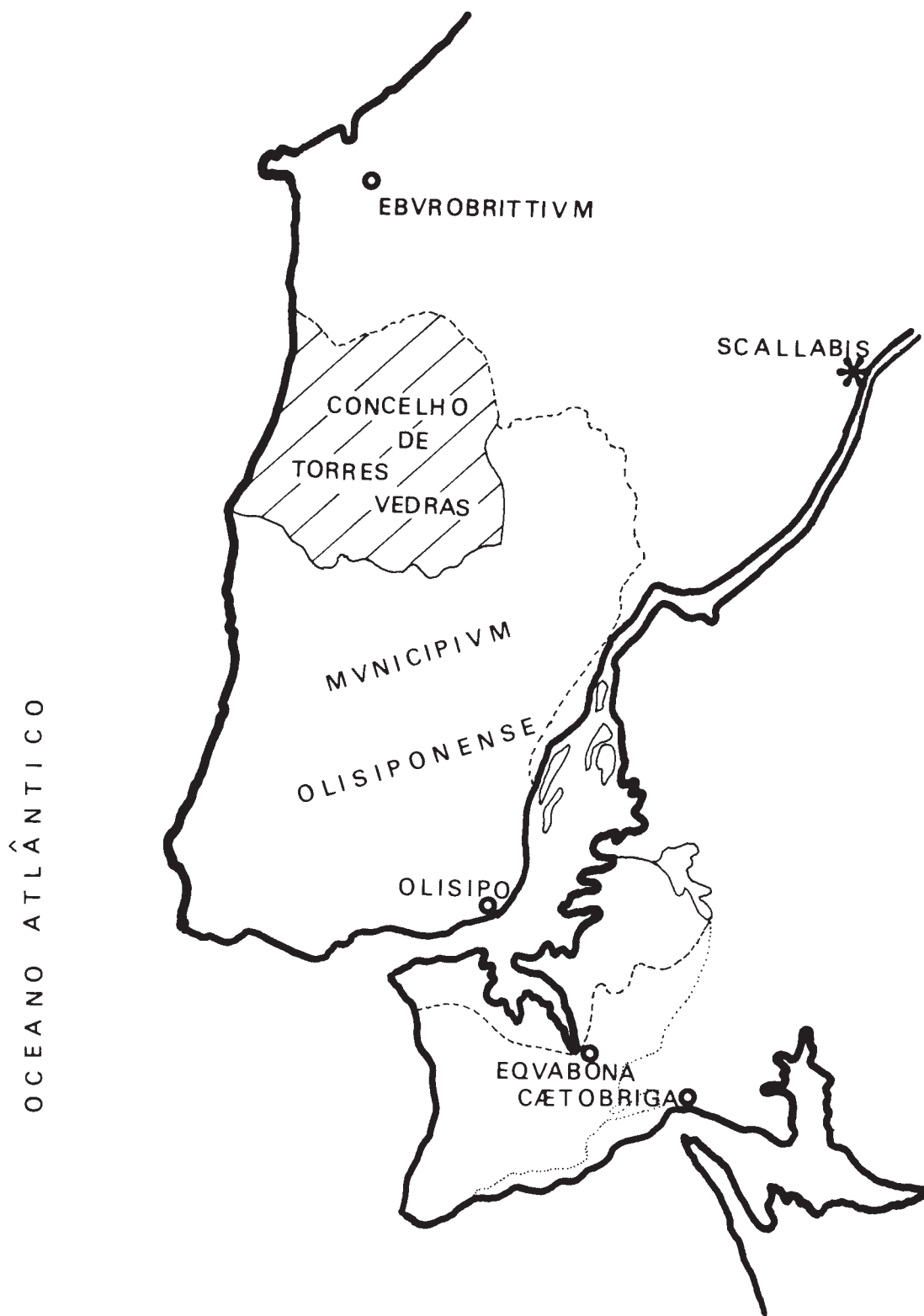
Não seria erróneo, pensamos, alargar-se, inclusivamente, a amplitude técnica da designação classificativa deste Museu, porquanto ele deter — a par de conjuntos museológicos de origem concelhia — colecções de prestígio, mas exógenas ao território municipal/regional, conseguidas (tanto nuns casos, como noutros), e nas mais das vezes, por doações e vendas feitas ao estabelecimento, por parte de investigadores e de doadores, dentre os quais se destacam Leonel Trindade (Patrono), Jorge Paulino Pereira, Lino Paulino Pereira, José Pedro Lopes, José Vitorino Bastos, Jaime Jorge Umbelino, Beatriz Batalha Reis, Carlota da Conceição Santos, Robert Bremner, Maria Teresa Boaventura e João Veríssimo.

Poderá acrescentar-se àquelas duas últimas características — quantidade e qualidade dos materiais arqueológicos —, uma outra, a da inegável beleza estética de muitas das peças dos seus acervos pré-histórico, proto-histórico e romano, atributo esse que tem sido mantido, quase sempre, pelos restauros executados<sup>1</sup>.

Ficaria incompleta esta pequena e singela ‘apreciação’ do Museu Municipal Leonel Trindade se não se tecesse aqui qualquer consideração acerca do seu aspecto humano, ponto-chave e base de toda e qualquer unidade museológica e respectiva actuação no meio. Também aqui este Museu é, com justiça, e sem favor algum, modelar. Nós sabemos-lo por experiência própria, pois vem já sendo longa, e obviamente frutífera, a estreita relação que se vem estabelecendo entre os signatários e a equipa do Museu<sup>2</sup>.

Embora fazendo “fronteira”, a norte — que não se sabe se seria natural [talvez o Rio Alcabrichel (Alarcão, 1990, p. 381) ou a Serra de Montejunto], ou, então, artificial (mais provável) —, com o *Municipium* de *Eburobrittium*<sup>3</sup>, todo o território do actual concelho de Torres Vedras encontra-se inserto no *Municipium* *Olisiponense* — “As estações arqueológicas são numerosas na área de Torres Vedras, onde algumas inscrições funerárias mencionam cidadãos inscritos na tribo Galéria. É forçoso, por isso, incluir a área no *Municipium* de Olisipo. A Galéria era a tribo de Olisipo, enquanto a de *Eburobrittium* deveria ser a *Quirina*.” (Alarcão, 1988, p. 47). Em obra de 1990, Jorge de Alarcão (p. 366) refere-se, novamente, a essa “fronteira”: “Do outro lado da serra de Montejunto, situava-se *Eburobrittium*, civitas cuja fronteira vinha entestar com a de Olisipo por alturas de Torres Vedras.” Também Vasco Mantas, seis anos mais tarde, se lhe refere nesse sentido (Mantas, 1996, p. 853-886).

A capital do território de *Eburobrittium* (*municipium*, a partir dos finais do século I d. C.), situava-se nos arredores de Óbidos (Mantas, 1996, p. 858, 859 e 863), mais precisamente, a cerca de 1200 metros para nordeste daquela Vila (freguesia de Gaeiras, e sob o IP6), embora tivesse já sido aventada a hipótese — hoje, de todo, posta de parte — de aquela cidade romana poder ter correspondido às actuais povoações da Amoreira de Óbidos (Garcia, 1971; Alarcão, 1988, p. 47; Mantas, 1996, p. 856), de São Mamede (Mantas, 1996, p. 862) ou, ainda, da Columbeira, Bombarral (Alarcão, 1990, p. 381).



Mapa 1 O actual Concelho de Torres Vedras inserido no *Municipium Olisiponense*.

Pensamos que o aglomerado terá conhecido um grande fulgor económico, e mesmo um significativo desenvolvimento (atendendo à envergadura do seu fórum, às dimensões das suas termas públicas e, ainda, à grande superfície edificada que apresenta), sendo mesmo crível, e lógica, a sua localização junto de uma via principal, que ligava *Olisipo* a *Conimbriga*, passando por *Eburobrittium* e *Collipo* (São Sebastião do Freixo). Por sua vez, mas já no sentido Norte-Sul, estaria também ligada a Lisboa por uma outra via que apresentava o seguinte percurso: *Eburobrittium*/Torres Vedras/Mafra/*Olisipo* (Byrne, 1993, p. 41-47). Teria detido sob o seu controle alguns núcleos urbanos secundários; e, ainda, para além do seu próprio porto marítimo, e dominado, talvez, um outro também de mar, o de *Araducta*/Alfeizerão (Mantas, 1996, p. 855; Alarcão, 1988, p. 47; Alarcão, 1990, p. 381), mas nunca englobando, no seu *territorium*, saliente-se, as áreas imediatamente contíguas à cidade de Torres Vedras (Alarcão, 1988, p. 47; Mantas, 1996, p. 858, 859 e 863).

Uma desconexão se denota, todavia, no âmbito da bibliografia existente, quanto à correspondência da actual Torres Vedras à povoação romana, que Mantas classifica como *mansio* (Mantas, 2000, p. 19), que lhe poderá subjazer. Para o referido autor, Torres Vedras equivale à ptolemaica *Chretina* (Mantas, 1996, p. 858, 859). Este último antigo aglomerado urbano, todavia, para José Cardim Ribeiro, situa-se no concelho de Sintra, correspondendo-lhe a actual aldeia do Faião (Ribeiro, 1982-1983, p. 161). Os únicos pontos de contacto, entre os dois autores anteditos, quanto a esta questão, consistem apenas na verificação de ambas as hipóteses se localizarem dentro do *territorium* do *Municipium Olisiponense* e na de as suas populações pertencerem à tribo Galéria, a partir de uma acção contínua de romanização, aquando das campanhas de César na *Hispania Ulterior*.

O que sabemos incontornável, contudo, é o facto de o topónimo medieval “Torres Vedras” estar associado à palavra *turris*, utilizada durante o Baixo Império para denominar o conjunto económico/produzido *villa* (Mantas, 2000, p. 14), denunciando a forte e indesmentível implantação rural romana na região em análise. Também não poderá ser questionada a importância do Rio Sizandro, quanto às facilidades que permitiu, a nível das ligações marítimas (populacionais, culturais, comerciais), entre estas áreas e outras bem mais distantes (Hoffmann e Schulz, 1995, p. 45, 46).

Ora, e retomando o assunto que vínhamos explanando, podemos afirmar que, e tal como todas as demais regiões adstritas ao *Municipium Olisiponense*, a de Torres Vedras viveu uma intensa ocupação semelhante, ou seja, essencialmente agrícola (e pecuária); organizada em torno de *villae* e de *casales* — as primeiras “(...) em parte pertencentes à alta burguesia olisiponense” (Caetano, 1997, p. 18), facto este testemunhado pela existência de inúmeros monumentos epigráficos (Mantas, 1985, p. 146, 147, 1996, p. 858), e virada, sobretudo, para o abastecimento de um grande centro de consumo — “A Região de Torres Vedras (...) na época romana, conheceu uma densa implantação rural, nitidamente relacionada com a proximidade de Olisipo.” (Mantas, 1985, p. 146, 147, 1996, p. 853-886).

Aliás, esta tendência ocupacional — localização e actividade económica — não fora introduzida aqui pelos Romanos, mas, tão-só, seguida, mantida, intensificada e desenvolvida por estes. Disso nos dá conta toda uma série de estações arqueológicas e/ou de recolhas de peças fornecidas em inúmeros arqueo-sítios pré-romanos, que surgem disseminadas por todo o território torriense, e que corroboram, não só esse facto, como também, e já nesses tempos, os intensos contactos entre a região em análise e todo o Mediterrâneo.

A presença romana, todavia, encontra-se já atestada na área desde a primeira metade do século II a.C., datação aferida para denários de prata provenientes das estações arqueológicas do Casal de Santo António, da Serra de São Julião e de Torres Vedras (Belo, 1952; Ruivo, 1995, p. 159; Sepúlveda e Sousa, 2000), perdurando, ininterrupta, desde essa altura até épocas tardias,

sendo mesmo possível provar-se essa ocupação nos séculos V e VI d.C., cronologias estas fornecidas por materiais exumados (*lucernae* e *terra sigillata*) na Maceira, *villa* do Penedo, Necrópole da Quinta da Portuqueira e Quinta de São Gião (Belo, 1953; Sepúlveda e Sousa, 2000).

Ao que parece, e segundo Vasco Gil Mantas, a “(...) *densidade de ocupação parece ter sido maior na área central do concelho, certamente devido à capacidade agrícola dos solos, mas a zona litoral, (...) facultou igualmente vestígios de ocupação romana, cuja repartição permite esboçar o traçado de uma via de comunicação em direcção à Ericeira.*” (Mantas, 1985, p. 146-147, 1996, p. 853-886).<sup>4</sup>

Impõe-se referir aqui que não existem muitos estudos sobre a romanidade de Torres Vedras, o mesmo não podendo dizer-se para as épocas anteriores, pelo que nos é impossível, para já, uma tentativa de síntese deste assunto, por mais parcelar que seja. Dentre aqueles trabalhos, destacam-se, ainda assim, as análises epigráficas, porquanto abarcarem, cabal e cientificamente, todas as inscrições conhecidas e conservadas no Museu Municipal, e também, embora de forma menos exaustiva, os materiais cerâmicos.

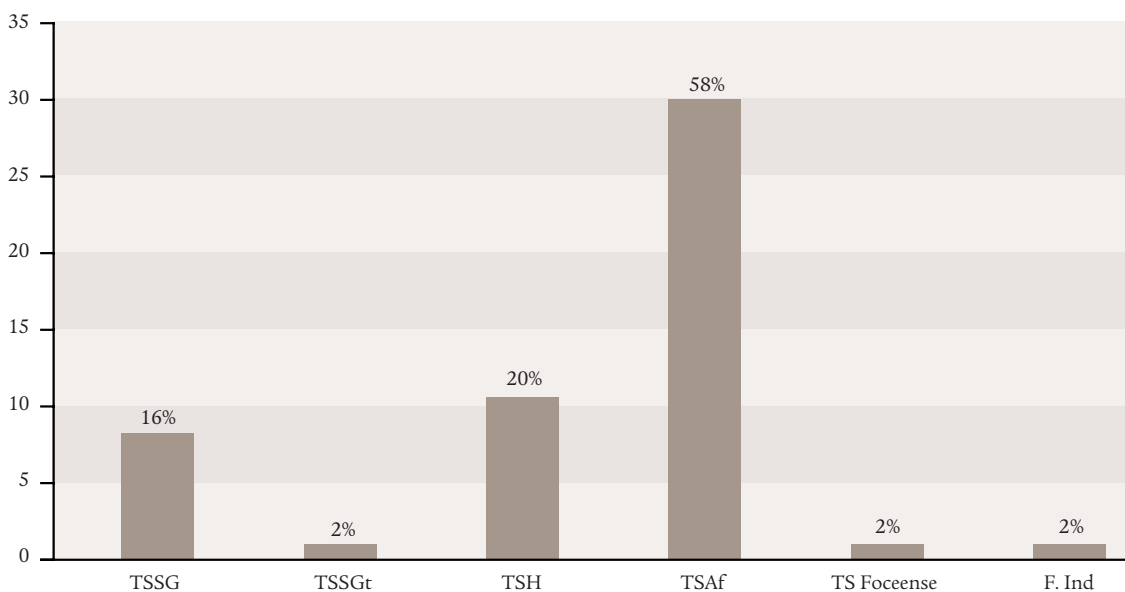
Estes dois factos — poucos artigos publicados e, na sua maioria, de cariz epigráfico — constituem as principais razões pela qual o Museu Municipal Leonel Trindade entendeu por bem, e prioritariamente, facultar as suas colecções cerâmicas para estudo, seguindo um plano faseado.

O presente artigo consiste, desse modo, no segundo trabalho recentemente conseguido à custa da análise dessas colecções romanas conservadas no Museu de Torres Vedras (Sepúlveda e Sousa, 2000), prevendo-se a sua continuação imediata com um terceiro, que terá por base o estudo da cerâmica comum<sup>5</sup>.

Somente depois disso será possível realizar sinopse mais substantiva, que poderá, enfim, permitir-nos aferir os índices e/ou graus de ocupação romana da zona em apreço.

A colecção de cerâmicas finas de mesa em *terra sigillata* (Beltrán, 1990) que analisámos, encontra-se inserida nos grupos tradicionais de produção provenientes da Gália (Hermet, 1934), da Hispânia (Mezquíriz, 1961, 1985; Mayet, 1984), da África do Norte (Hayes, 1972, 1980) e da Ásia Menor (Carandini, 1981), não se verificando, no entanto, qualquer peça que fosse, indubitavelmente, de fabrico itálico.

Distribuição e percentagens de fragmentos de *terra sigillata* por origem de produção



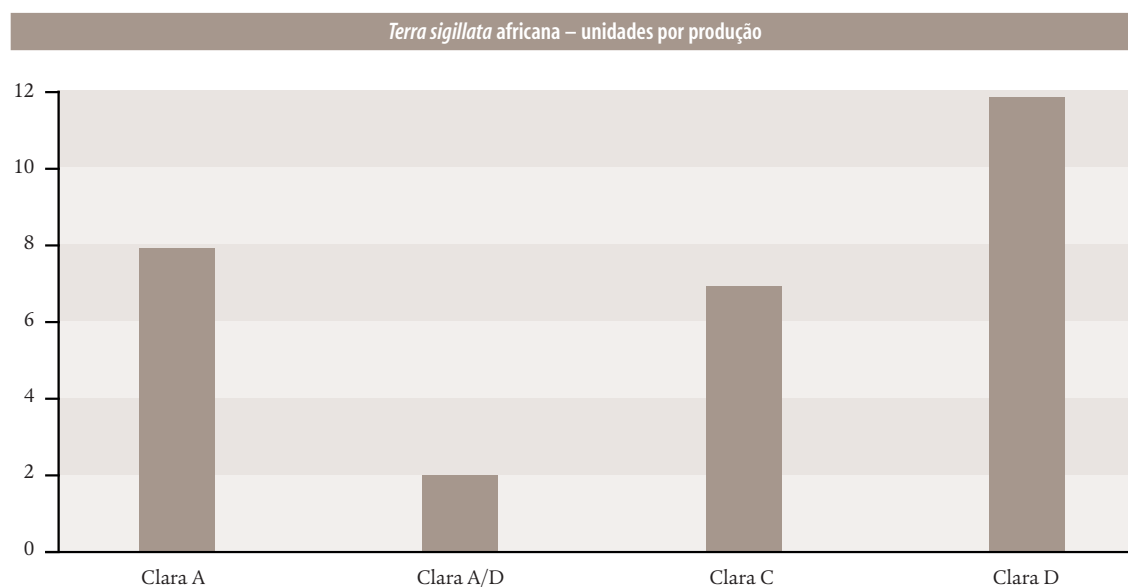
No grupo da *terra sigillata* galo-romana estudada, destacam-se as peças n.ºs 7 e 8, pelo tipo de decoração. À primeira, n.º 7 (Kunst e Júnior, 1990, p. 50)<sup>6</sup>, pelo imbricado que apresenta, torna-se fácil a aplicação de paralelos: Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, Pls. XXIII-XXVI, 2351, 2389, 2417, 2600, 2609...); *Balsa* (Nolen, 1994, Ests. 12 e 14, ss. 23 e 29); Condatomago (Hermet, 1934, p. 90, 137 e 138); *Conimbriga* (Alarcão, 1975, Pls. XVIII e XIX, n.º 35 e 53). A segunda – (n.º 8), poderá corresponder a uma taça Drag. 29 ou 37, mas nunca, saliente-se, a uma Drag. 30, dado a sua parede inferior não ser vertical.

A peça n.º 9 ofereceu-nos algumas dificuldades na sua classificação. Poderá, ainda assim, inserir-se, talvez<sup>7</sup>, numa produção galo-romana tardia – fabrico pouco vulgar nos espólios das estações inclusas no actual território português –, mais precisamente na forma Rigoir 22 (Rigoir e Rigoir, 1968; Beltrán, 1990, p. 160), visto o fragmento em análise apresentar carena, e incidir, sobre esta, uma decoração conseguida pela técnica do guilhoché.

No grupo das produções hispânicas, há a referir, destacada, a peça n.º 15 (Kunst e Júnior, 1990, p. 50), de fabrico tardio, das oficinas de La Rioja ou das olarias da bacia do Douro (Juan Tovar, 2000, p. 107, 1997). Isto, não só por apresentar um tamanho pouco vulgar dentro da forma Hisp. 37B/Palol 37t (1974), como ainda, e sobretudo, por ostentar uma composição decorativa, em parte inédita, essencialmente a nível da decoração da primeira banda e da sequência dos motivos que preenchem as cinco faixas horizontais da composição, podendo ser inserida no 1.º Estilo de Mayet – equivalente ao 3.º Estilo de Mezquíriz e aos Grupos 2 e 5 de López Rodríguez –, o que nos permitiu atribuir-lhe uma cronologia do século IV d.C., altura em que este tipo de decoração é aplicado a estas taças. No seu esquema gramatical, inscrevem-se vários motivos, repetindo a quinta banda a decoração da segunda (pequenos crescentes invertidos e unidos, López Rodríguez 2A1, n.º 62), sendo a central metopada (López Rodríguez 2A1, n.º 40). A decoração da quarta banda, corresponde, por sua vez, ao tipo López Rodríguez 5A, n.º 14.

Quanto às peças n.º 16, 17 e 18, todas elas ostentam decorações características dos fabricos considerados dentro da *sigillata* hispânica tardia (rodas e círculos, López Rodríguez Grupo 1).

Dentro do grupo da *sigillata* africana (Delgado, 1975), detectaram-se quatro tipos de fabricos: Clara A (n.º 20-27); Clara A/D (n.º 29 e 30); Clara C (n.º 28, 31-36) e Clara D (n.º 37-48).



Destacamos, nestas produções, a peça n.º 35, em *terra sigillata* africana Clara C, com cronologia que vai do último quartel do século III d.C. até finais do IV, inícios do V, por se encontrar praticamente inteira (forma Hayes 52B) e apresentar decoração de relevos aplicados do estilo de transição, o que confirma a diacronia dos finais do século III d.C. A aba da taça ostenta *venationes* entre animais — uma leoa (do tipo Hayes 4, Atlante 64), a perseguir um cervídeo (muito incompleto na composição, Atlante 57), seguindo a sua leitura geral uma orientação em sentido dextrogiro. A terceira figura, também truncada, corresponde a um golfinho (do tipo Hayes 2, Atlante 46), afrontado à cena antes descrita (mas em sentido sinistrógiro). Estes três animais estão separados, entre si, por três “grandes” círculos, conseguidos, igualmente, pela aplicação de relevos, os quais estão ausentes das tipologias de Hayes e dos autores de Atlante. Conhecem-se, em Portugal, alguns paralelos para a forma Hayes 52 com decoração aplicada — Alter do Chão (Falcão, 2001), *Conimbriga* (Delgado, 1975), Santo André de Almoçageme (Sousa, 1992), Necrópole do Sol Averso (Cardoso e André, 1997/1998, p. 219-226; Cardoso e Cardoso, 1993, p. 72 e n.º 24), Boca do Rio (exemplar conservado no Museu Nacional de Arqueologia), Quinta do Rouxinol (Raposo e Duarte, 1999, p. 75-86), Setúbal (Silva e Soares, 1980-81), Tróia de Setúbal (Maia, 1974-77; Fonseca, 2002; inéditos), Pinheiro (Raposo e Duarte, 1999), *Mirobriga* (Quaresma, 1999a, p. 148), Represas (Lopes, 1994), Montinho das Laranjeiras (Coutinho, 1997) e *Balsa* (Nolen, 1994).

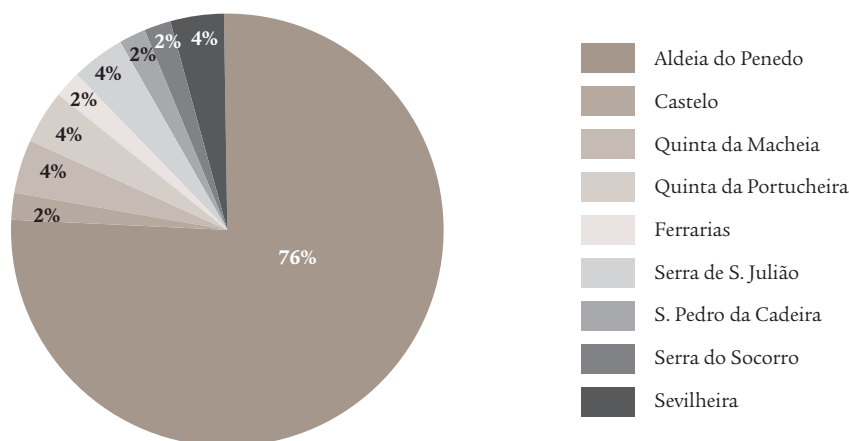
Apenas um exemplar da coleção (n.º 49), corresponde ao fabrico peculiar, e já relativamente frequente, denominado Foceense Tardia — Late Roman C Ware (Diogo e Trindade, 1999; Quaresma, 1999; Sousa, 2001). Possui a forma Hayes 1A (provavelmente), a qual surge, ao que se sabe, atestada apenas (e talvez), na *Villa* de Santo André de Almoçageme, Sintra (Sousa, 2001).

A peça identificada com o n.º 50 levantou-nos sérias dificuldades, ao nível da sua atribuição a um centro produtor, conquanto ela poder, hipoteticamente, inserir-se nas produções itálicas (Belo, Pl. II, 196; *Balsa*, Est. 10, si-10), ou, então, nas galo-romanas (pratos Drag. 17, de Montans), isto devido ao tipo de pasta, “glanztonfilm” e guilhoché que apresenta.

A coleção de *terra sigillata* do Museu Municipal Leonel Trindade perfaz um total de 50 exemplares, entre peças inteiras e simples fragmentos, predominando, em lugar de destaque, as cerâmicas de importação norte-africana, seguidas das produções hispânicas, dos fabricos galo-romanos, dos possíveis produtos galo-romanos tardios e da cerâmica oriunda da Ásia Menor (Foceia).

De todas elas tentou-se retirar o máximo de informação possível, no fito de deduzir-se alguns pontos de chegada que, extrapolando o âmbito meramente tipológico, pudessem contribuir para uma melhor compreensão da região de Torres Vedras, durante o Período Romano.

Estes dados, contudo, terão, forçosamente, de ser tidos em consideração relativa, porquanto a percentagem esmagadora de peças analisadas (cerca de 80% da coleção) provir de uma única estação arqueológica — *villa* romana da Aldeia do Penedo, por sorte, também a mais intervencionada e sondada na área do concelho — a qual se insere, por sua vez, num conjunto relativamente restrito de arqueo-sítios similares (Alarcão, 1998, p. 89-119)<sup>8</sup> que cobririam toda a região torriense: *villa* rústica dos *Cellios*, Quinta da Macheia, Quinta de São Gião e Serra de São Julião; para além das novas *villae* identificadas recentemente: Arneiro Norte, Ferrarias, Meixial e Nossa Senhora da Cátedra ou do Formigal (Cardoso e Luna, no prelo).

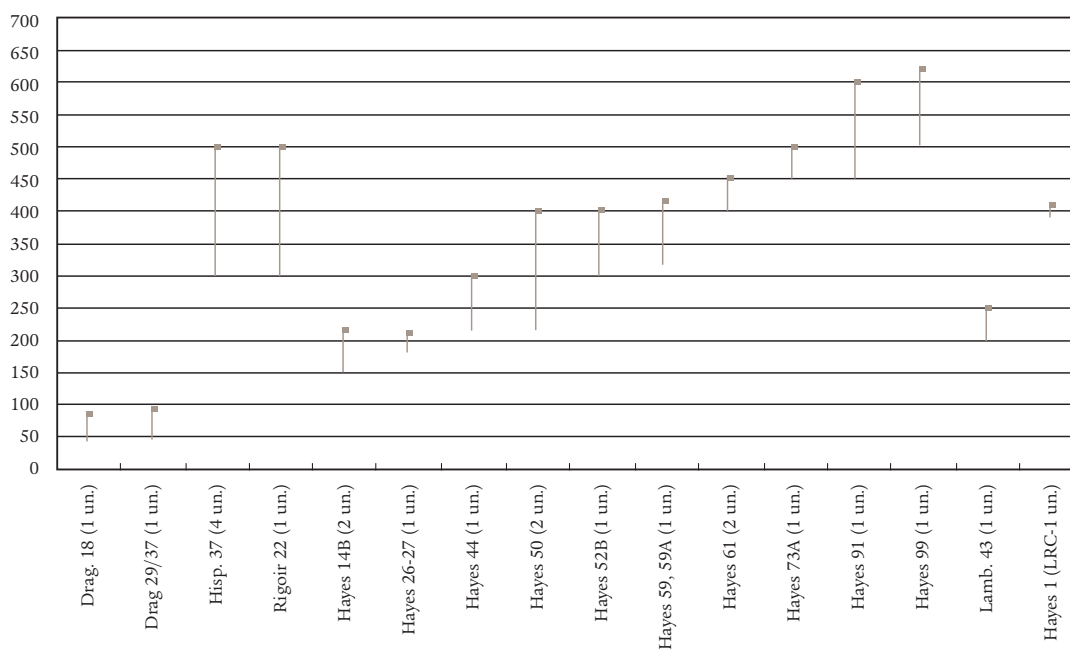
Percentagens de *terra sigillata* nas estações romanas do concelho de Torres Vedras

Assim, muitas das conclusões que poderão deduzir-se, denunciarão, sobretudo, a realidade específica da estação antedita (Aldeia do Penedo), e não, forçosamente, toda a zona norte do *Municipium Olisiponense*.

Apesar disso, e embora com alguma falibilidade, poderá projectar-se certas considerações para a região envolvente — um povoamento romano efectivo balizado, pelo menos, entre a primeira metade do século I d.C. e o século VI; e a incidência dessa presença, em especial, num período compreendido entre o século III d.C. e os inícios do século VI, onde a frequência de formas de *terra sigillata* africana está mais acentuada (ver ‘Gráfico de Formas e Cronologias’), assim como as formas de *terra sigillata* hispânica tardia. A profusão de diferentes tipos de peças cerâmicas leva-nos, portanto, a pensar numa época de grande intensidade de trocas comerciais, ou seja, a comprovação de contactos entre a região de Torres Vedras no período romano (potencialmente rica em produtos agrícolas) e ambas as margens do Mar Mediterrâneo, Oriente inclusive, através de *negotiatores* estabelecidos em *Olisipo*, ou em *Eburobrittium*, ou, ainda, em *Scallabis*, a par de um relativo bom poder de compra — a julgar pela qualidade de alguns achados romanos detectados no concelho, como é o caso das *lucernae* de bronze (Sepúlveda e Sousa, 2000) —, embora, é certo, dentro de um contexto de economia agrária de tipo “lusitano”/romano.

O aparecimento, até à presente data, de raros achados de cerâmicas de verniz negro (tipo campaniense), em apenas uma das estações romanas torrienses (Cardoso e Luna, no prelo), parece demonstrar — a nível da estrutura económica da região —, a existência de algumas relações comerciais de importância acrescida, anteriormente ao segundo quartel do século I d.C.



Formas e cronologias da *terra sigillata* do Museu de Torres Vedras"

## Catálogo

No Catálogo, os números de Inventário Geral apresentam-se sob os códigos das respectivas estações: AP – Aldeia do Penedo; CAS – Castelo; QM – Quinta da Macheia; QP – Quinta da Portucheira; SEJ – Serra de São Julião; SPC – São Pedro da Cadeira; SS – Serra do Socorro.

*Terra sigillata galo-romana*

1

N.º de Inv. Geral AP 086.

Fragmento de bordo e parte superior da parede de prato de forma Drag.18; diâmetro máximo – 156 mm; pasta cor-de-rosa, compacta, com caulinite de pequenas dimensões; engobe vermelho-acastanhado.

2

N.º de Inv. Geral QM/56-541.

Fragmento de pé em anel de taça de forma indeterminada; pasta bege-alaranjada, branda, compacta e homogénea; engobe castanho-avermelhado.

3

N.º de Inv. Geral QM, s. n. (Necrópole). Fragmento de carena de taça de forma indeterminada; pasta castanha-alaranjada, compacta e dura; engobe castanho-avermelhado, com flutuações de tonalidade.

4

**N.º de Inv. Geral** SS 55.

Fragmento de fundo de taça com pé em anel de forma indeterminada; diâmetro, ao nível do pé – 94 mm; pasta vermelha-rosada, compacta, homogénea e pouco branda; engobe castanho-avermelhado.

5

**N.º de Inv. Geral** AP 183.

Fragmento de inflexão do bordo/parede de taça de forma indeterminada; pasta salmão escura, dura, compacta e com caulinite; engobe avermelhado.

6

**N.º de Inv. Geral** AP 185.

Fragmento de carena de prato de forma indeterminada; pasta vermelha-rosada, compacta, dura e com caulinite; engobe vermelho.

7

**N.º de Inv. Geral** SPC 1/3.

Fragmento de parede de taça decorada a molde (imbricado) de forma indeterminada; pasta castanha-alaranjada, dura e homogénea; engobe castanho-avermelhado.

8

**N.º de Inv. Geral** AP 034.

Fragmento da parede inferior de taça decorada a molde (motivos vegetalistas – folha e dois cachos) de forma Drag. 29 ou 37 (possivelmente); diâmetro, junto ao fundo – 112 mm; pasta vermelha-acastanhada, dura e com caulinite; engobe vermelho-acastanhado.

### ***Terra sigillata galo-romana tardia***

(ou *terra sigillata* hispânica tardia, ou Narbonense)

9

**N.º de Inv. Geral** AP 096.

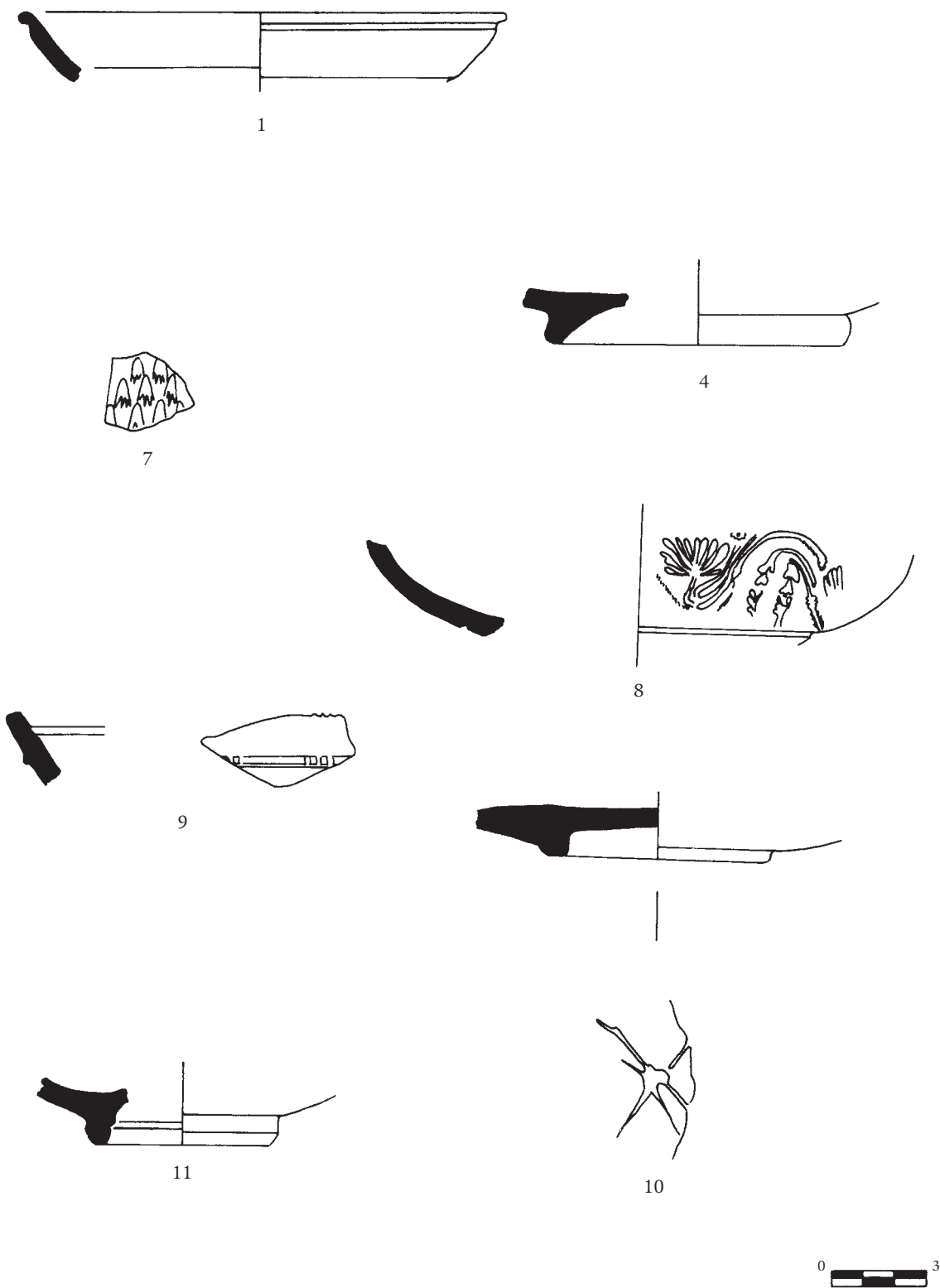
Fragmento de carena com canelura decorada (corda segmentada de espaços diferentes) de taça de forma, possivelmente Rigoir 22; pasta castanha, dura, com elementos ferrosos e micácea; engobe castanho, brilhante.

### ***Terra sigillata hispânica***

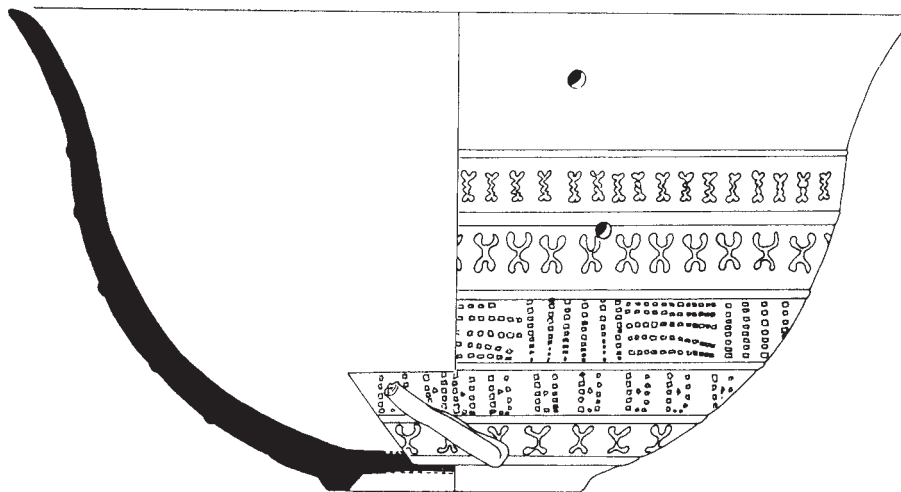
10

**N.º de Inv. Geral** SEJ 73.

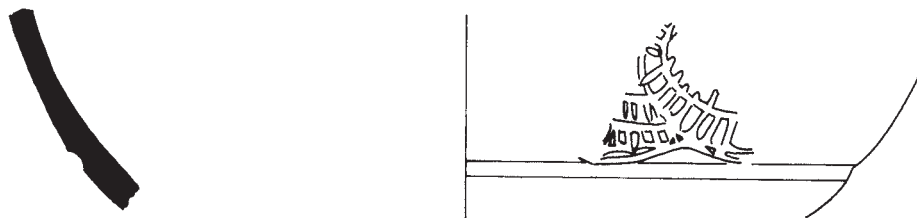
Fragmento de fundo de taça com pé em anel de forma indeterminada; diâmetro máximo, ao nível do pé – 70 mm; pasta castanha-alaranjada, branda, porosa e algo micácea; engobe castanho-avermelhado. Apresenta grafito geométrico na parede interior da base, efectuado após a cozedura.



Est. I TSSG 1, 4, 7 (Esc. 1:1) e 8; TSSGt (?) 9; TSH 10 e 11.



15



16



17



18



Est. II *Terra sigillata* hispânica tardia.

**11****N.º de Inv. Geral** CAS 31

Fragmento de fundo de taça de forma indeterminada; diâmetro – 56 mm; pasta acastanhada, porosa e com caulinites; engobe vermelho-acastanhado.

**12****N.º de Inv. Geral** AP 184

Fragmento de parede de taça de forma indeterminada; pasta castanha-rosada, dura, porosa, com caulinite e algo micácea; engobe vermelho-acastanhado.

**13****N.º de Inv. Geral** AP 176

Fragmento de bordo de prato de forma indeterminada; diâmetro máximo – 210 mm; pasta vermelha-amarelada, dura, com quartzitos e micácea; engobe vermelho-acastanhado.

**14****N.º de Inv. Geral** AP 071

Fragmento de parede de taça de forma indeterminada; pasta vermelha-acastanhada, compacta e pouco dura; engobe vermelho.

**15****N.º de Inv. Geral** AP 074/090/101

Fragmentos que formam o perfil completo de taça (restaurada) decorada a molde de forma Drag. 37/Hispan. 37B/Palol 37t; pasta laranja-avermelhada, dura, pouco porosa, homogénea, com calcite e algo micácea; engobe laranja-avermelhado. Apresenta, na parte inferior da pança, um gato em chumbo e, na superior, dois furos que corresponderiam à aplicação de outro gato.

**16****N.º de Inv. Geral** AP 091

Fragmento de parede de taça decorada a molde (rodas segmentadas) de forma Drag. 37/Hispan.37/Palol 37t; diâmetro, junto ao fundo – 220 mm (aproximadamente); pasta alaranjada, branda, com calcite e mica; engobe vermelho, de tom vivo.

**17****N.º de Inv. Geral** AP 089

Fragmento de parede de taça decorada a molde (círculos concêntricos denteados e ovais com motivos vegetalistas) de forma Drag. 37/Hispan. 37/Palol 37t; pasta vermelha clara, compacta e branda; vestígios de engobe vermelho.

**18****N.º de Inv. Geral** AP 068

Fragmento de parede de taça decorada a molde (fiadas verticais de pérolas) de forma Drag. 37/Hispan. 37/Palol 37t; pasta vermelha-acastanhada, compacta e dura; engobe castanho-avermelhado, de tom escuro.

**19****N.º de Inv. Geral** AP 181

Fragmento de bordo de taça de forma indeterminada; pasta alaranjada, algo dura, com caulinite e micácea; engobe castanho-avermelhado.

**Terra sigillata africana clara****20****N.º de Inv. Geral** 1530 (Sevilheira)

Taça carenada de fundo em anel e de forma Hayes 14B ou Hayes 18; diâmetros: máximo ao nível do bordo – 164 mm / da base – 70 mm; pasta laranja, compacta, homogénea e não micácea; vestígios de engobe laranja, em Clara A.

**21****N.º de Inv. Geral** AP 174

Fragmento de bordo e parede de taça carenada de forma Lamb. 3b2/Hayes 14B/Atlante 2-4; diâmetro máximo – 136; pasta alaranjada, compacta e dura; engobe alaranjado, em Clara A.

**22****N.º de Inv. Geral** AP 177

Fragmento de bordo de prato ligeiramente esvasado de forma provavelmente Hayes 26/Hayes 27; diâmetro máximo – 206 mm; pasta vermelha-alaranjada, rugosa, dura, micácea e com quartzitos; engobe vermelho-acastanhado, em Clara A.

**23****N.º de Inv. Geral** AP 072

Fragmento de base e arranque da parede de prato de forma indeterminada; diâmetro do pé – 68 mm; pasta alaranjada, compacta, dura, micácea e com quartzito; engobe laranja, em Clara A.

**24****N.º de Inv. Geral** AP 180

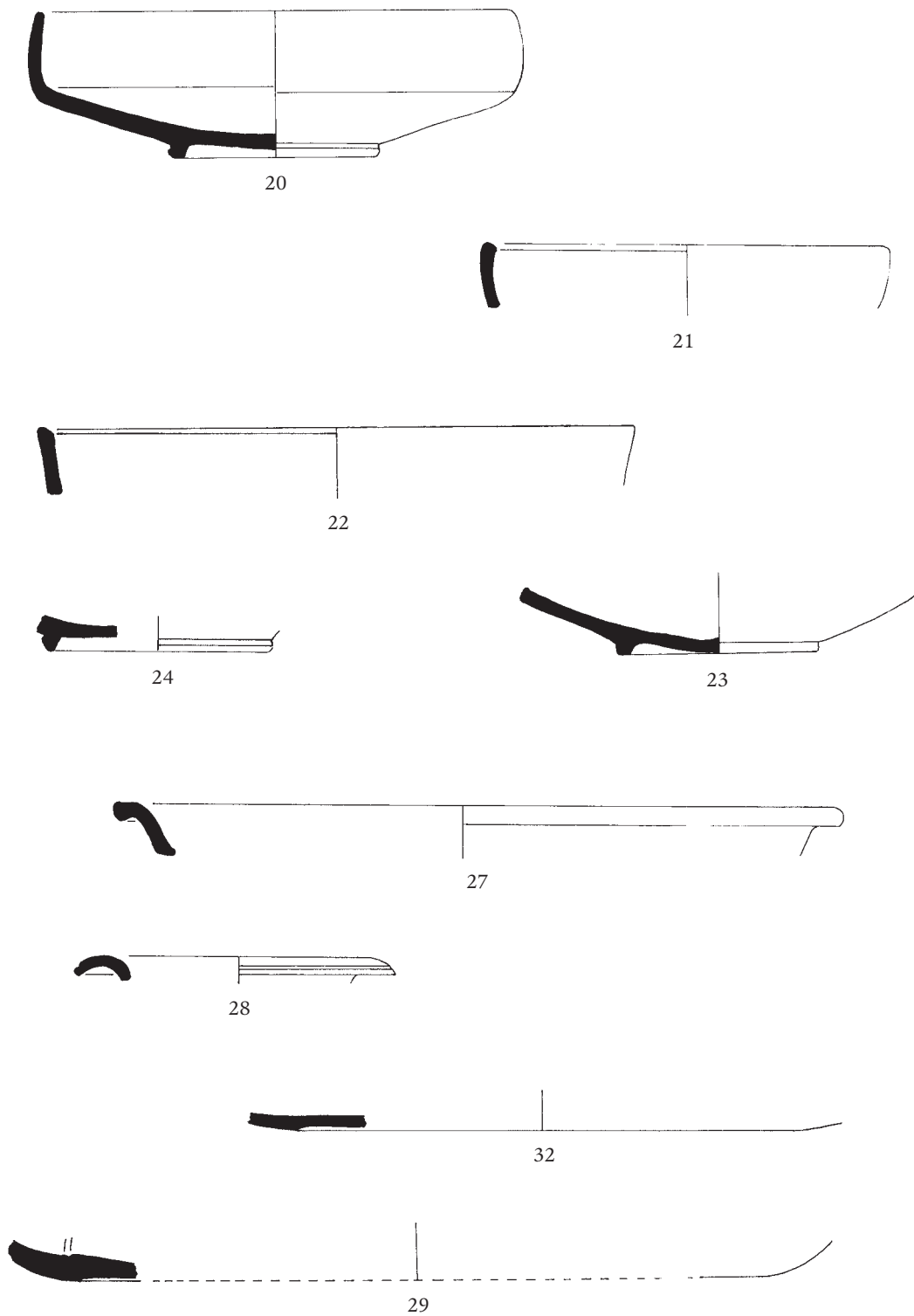
Fragmento de fundo de taça de forma indeterminada; diâmetro – 74 mm; pasta alaranjada, esponjosa, dura, micácea, com quartzitos e calcite; engobe alaranjado, em Clara A.

**25****N.º de Inv. Geral** AP 186

Fragmento de fundo de prato de forma indeterminada; pasta vermelha-alaranjada, dura, compacta e micácea; engobe vermelho-alaranjado, em Clara A.

**26****N.º de Inv. Geral** AP 188

Fragmento de fundo de prato de forma indeterminada; pasta alaranjada, dura, folheada e com calcite; engobe alaranjado, em Clara A.



Est. III *Terra sigillata* africana (clara).

**27****N.º de Inv. Geral** AP 175

Fragmento de bordo esvasado de prato/travessa; diâmetro – 260 mm; pasta alaranjada, homogénea, dura e micácea; engobe vermelho-alaranjado, em Clara A.

**28****N.º de Inv. Geral** AP 178

Fragmento de bordo de taça hemisférica, com bordo em aba, de forma Hayes 44; diâmetro – 112 mm; pasta amarela-avermelhada, homogénea e moderadamente dura; engobe vermelho-acastanhado, em Clara C.

**29****N.º de Inv. Geral** AP 080

Fundo de prato/travessa de forma indeterminada; pasta avermelhada, compacta e moderadamente dura; engobe laranja-avermelhado, em Clara A/D.

**30****N.º de Inv. Geral** AP 189

Fragmento de inflexão aba/parede de taça de forma indeterminada; pasta alaranjada, dura, folheada, não micácea; engobe alaranjado, em Clara A/D.

**31****N.º de Inv. Geral** AP 173

Fragmento de bordo lanceolado e parede de prato de forma Hayes 50; pasta avermelhada, compacta, dura e micácea; engobe castanho-tijolo, em Clara C.

**32****N.º de Inv. Geral** AP 179

Fragmento de fundo de prato de forma Hayes 50 (possivelmente); diâmetro – 180 mm; pasta vermelha-acastanhada, esponjosa e ligeiramente dura; engobe vermelho-acastanhado, em Clara C.

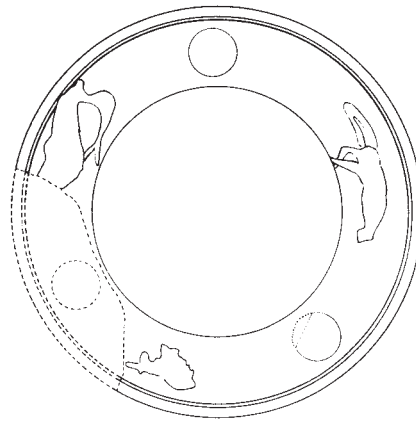
**33****N.º de Inv. Geral** AP 076

Fragmento de parede de taça de forma indeterminada; pasta rosa-velho, dura, compacta e pouco micácea; engobe vermelho-acastanhado, matizado no interior, em Clara C.

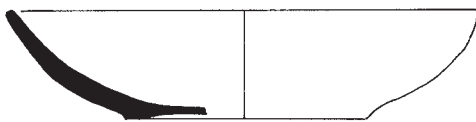
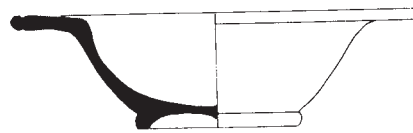
**34****N.º de Inv. Geral** AP 182

Fragmento de fundo de prato de forma indeterminada; pasta alaranjada, algo dura, homogénea e pouco micácea; engobe alaranjado, em Clara C.

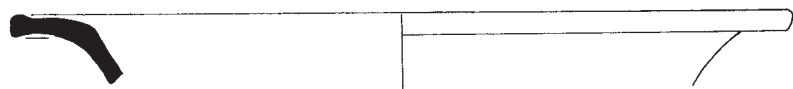




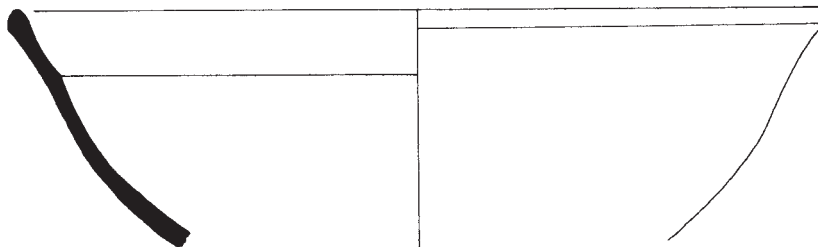
35



36



37



38



Est. IV *Terra sigillata* africana (clara).

**35****N.º de Inv. Geral** 1529 (Sevilheira)

Taça (restaurada) com decoração de relevos aplicados na aba, de forma Hayes 52b; diâmetros: máximo, ao nível da aba – 126 mm / máximo, ao nível da abertura do bordo – 80 mm / máximo, ao nível do pé – 50 mm; altura máxima – 35 mm; pasta laranja, porosa, com calcite e pouco micácea; engobe acastanhado, em Clara C.

**36****N.º de Inv. Geral** QP 040/041/042/043

Fragmentos de taça com perfil completo de forma provavelmente Lamb. 43; diâmetros: do bordo – 143 mm / da base – 72 mm; pasta rosada, branda, porosa e micácea; vestígios de engobe alaranjado, em Clara C.

**37****N.º de Inv. Geral** QP 037/038/039/044/045

Fragmentos de bordo, aba e parede de taça de forma Hayes 73A; diâmetros: máximo, ao nível da boca – 186 mm / máximo, ao nível da aba – 236 mm; pasta alaranjada, branda, porosa, folheada e micácea; engobe castanho-avermelhado, em Clara D.

**38****N.º de Inv. Geral** AP 079

Fragmento de bordo e parede de taça de forma Hayes 99; diâmetro máximo, ao nível do bordo – 245 mm; pasta alaranjada clara, branda e porosa; engobe vermelho-alaranjado, em Clara D.

**39****N.º de Inv. Geral** AP 110

Fragmento de bordo, aba e arranque da parede de grande taça de forma Hayes 91; diâmetros: máximo, ao nível do bordo – 390 mm / máximo, ao nível da aba – 450 mm; pasta laranja, homogénea, pouco porosa e não micácea; engobe laranja, em Clara D.

**40****N.º de Inv. Geral** AP 065

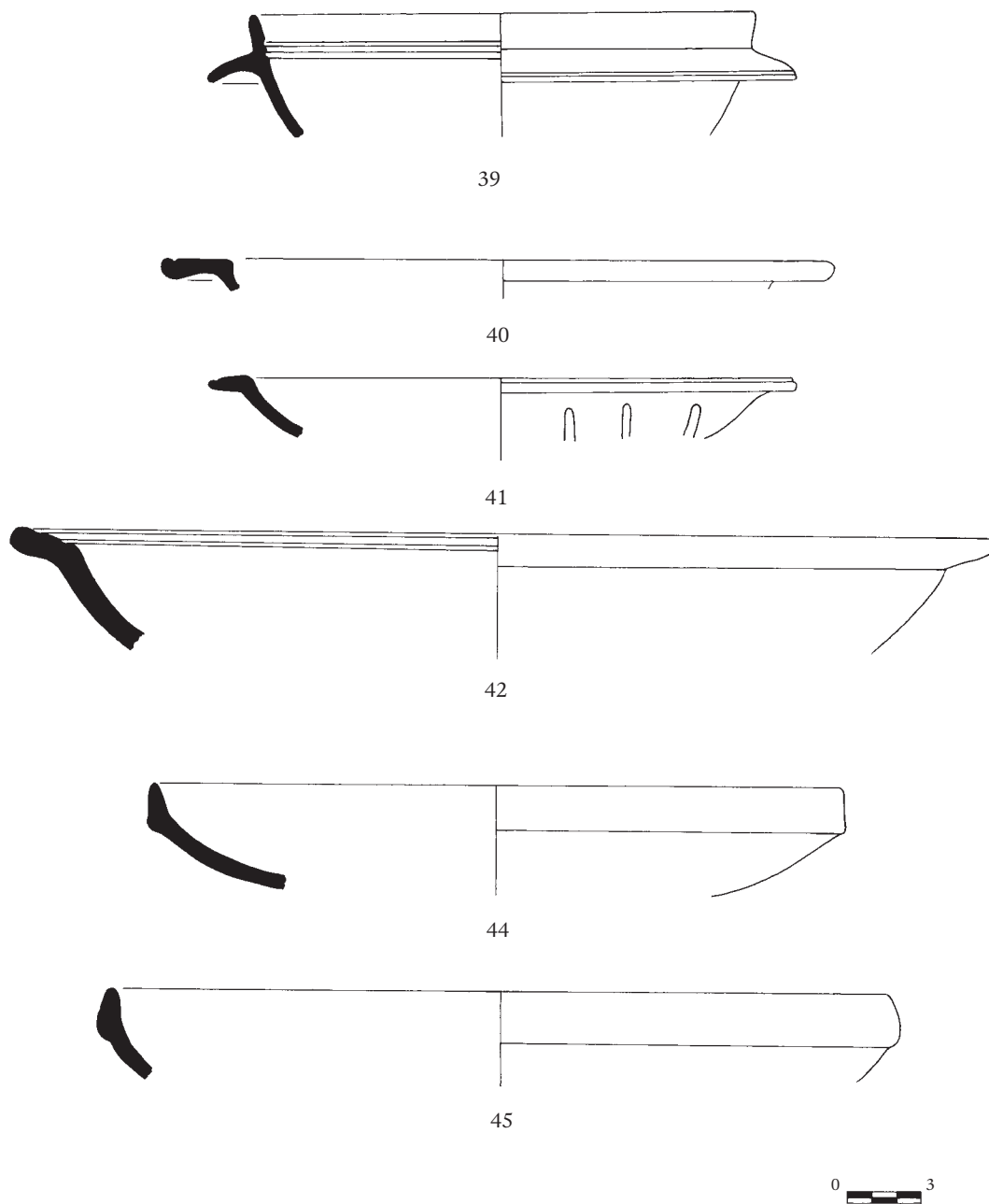
Fragmento de bordo e aba de taça/prato de forma Hayes 59; pasta alaranjada, porosa, esponjosa, micácea e com cerâmica moída; engobe laranja, em Clara D.

**41****N.º de Inv. Geral** AP 084

Fragmento de bordo e parede com decoração (incisa) de prato com aba de forma Hayes 59A; pasta rosa-alaranjada, compacta e algo micácea; vestígios de engobe alaranjado, em Clara D.

**42****N.º de Inv. Geral** AP 088/098

Fragmento de bordo saliente de prato de forma Hayes 59B; diâmetro máximo – 396 mm; pasta laranja, esponjosa, dura e com grande variedade de elementos não plásticos; engobe laranja, em Clara D.



Est. V *Terra sigillata* africana (clara): 39 (Esc. 1:4).

43

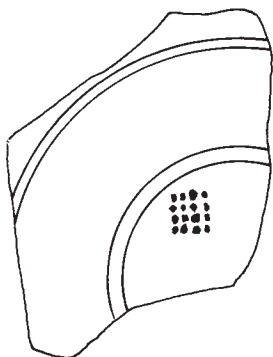
N.º de Inv. Geral AP 190

Fragmento de fundo de prato de forma Hayes 59 (possivelmente); diâmetro – 160 mm; pasta vermelha clara, esponjosa e com quartzo; engobe laranja, em Clara D.

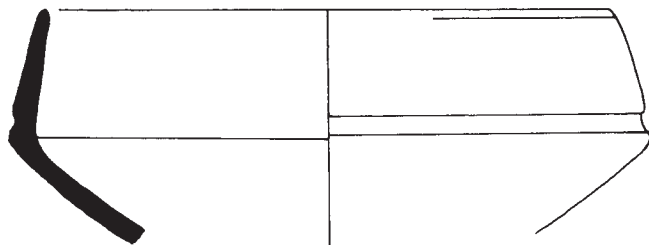
44

N.º de Inv. Geral AP 097

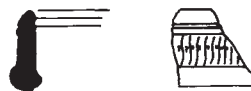
Fragmento de bordo com lábio boleado e parede de prato de forma Hayes 61B; diâmetro máximo – 280 mm; pasta avermelhada, esponjosa e com calcite; engobe vermelho-alaranjado, em Clara D.



46



49



50



Est. VI *Terra sigillata* africana (clara) 46; TS foccense 49; Ind. 50.

**45****N.º de Inv. Geral** AP 073

Fragmento de bordo de prato com lábio lanceolado de forma Hayes 61A; diâmetro máximo – 310 mm; pasta alaranjada, esponjosa, com quartzitos, calcites e elementos ferrosos; engobe laranja-avermelhado, em Clara D.

**46****N.º de Inv. Geral** AP 077

Fragmento de fundo com decoração (estampada) de prato de forma não determinada; pasta vermelha clara, algo dura, compacta e não micácea; engobe vermelho-alaranjado, em Clara D.

**47****N.º de Inv. Geral** (Ferrarias)

Fragmento de bordo de taça com aba de forma indeterminada; pasta laranja-acastanhada, dura, porosa e pouco micácea; engobe castanho-avermelhado, em Clara D.

**48****N.º de Inv. Geral** SEJ/s. n.

Fragmento de parede curva de taça de forma indeterminada; pasta alaranjada, grosseira e branda; engobe alaranjado, em Clara D.

### *Cerâmica fôceense tardia / “Late Roman C Ware”*

**49****N.º de Inv. Geral** AP 078

Fragmento de bordo e parede com carena de prato de forma Hayes 1A (provavelmente); pasta castanha clara, muito depurada e moderadamente dura; engobe amarelo-alaranjado, algo brilhante.

### *Fabrico Indeterminado*

**50****N.º de Inv. Geral** AP 087

Fragmento de bordo e parede decorada (guilhoché) de prato/taça de forma indeterminada; pasta castanha, branda e muito depurada; engobe castanho-avermelhado.

### **Agradecimentos**

Os autores agradecem, reconhecidos, toda a preciosa ajuda que receberam no decurso do presente trabalho, sem a qual não teriam podido levar a bom porto a tarefa a que se propuseram. Uma palavra de gratidão, pois, para a Dra. Jeannette Nolen, para o Dr. Guilherme Cardoso, para o Dr. José Beleza Moreira, para o Dr. Vítor Gomes e para o Rodrigo Figueiredo.

## NOTAS

- \* Licenciado em Economia.
- \*\* Conservador dos Museus da Câmara Municipal de Sintra, Arqueólogo.
- \*\*\* Arqueólogo.
- <sup>1</sup> Duas das peças de cerâmica romana do Museu serviram, inclusivamente, de tema para a concretização de dois trabalhos curriculares de um dos signatários (EMS), no Curso de Pós-Graduação Profissionalizante em Museologia e Património, na Universidade Lusíada, em Lisboa, em 1998-1999.
- <sup>2</sup> Agradecemos, reconhecidos, à Dra. Isabel de Luna, do Museu Municipal Leonel Trindade, e também a toda a sua equipa, o apoio profissional que nos têm dado.
- <sup>3</sup> Jorge de Alarcão no livro que escreveu em 1990 (*O Domínio Romano em Portugal*), a páginas 47, refere que o território da *civitas* de *Eburobrittium* estender-se-ia, para sul, até ao paralelo de Torres Vedras.
- <sup>4</sup> Agradecemos ao Dr. A. M. Dias Diogo a informação que nos deu sobre os achados de *terra sigillata* (um deles com marca de oleiro) na Vila da Ericeira.
- <sup>5</sup> Esperamos poder apresentar, num futuro próximo, estudos referentes aos vidros, às cerâmicas comuns e aos mosaicos, este último da autoria de Maria Teresa Caetano, assim como em relação aos materiais metálicos, que será da responsabilidade de Raquel Santos.
- <sup>6</sup> Estes autores classificam, incorrectamente, esta peça (p. 50, Abb. 9), tal como a taça descrita sob o n.º 15 do catálogo (Tafel 14 b), como *terra sigillata* clara (*"Terra Sigillata chiara"*, sic), quando, na verdade, nenhuma delas pertence a produções africanas. O fragmento n.º 7 é tipicamente galo-romano e a taça n.º 15 de fabrico característico das produções hispânicas tardias.
- <sup>7</sup> Pelas suas características morfológicas e tipológicas, poderá aventar-se a hipótese de se tratar de um dos fabricos de terra sigillata hispânica tardia, ou, então, de uma das produções denominadas de "lucentes", brilhantes ou narbonenses.
- <sup>8</sup> Os critérios apontados por este autor para a classificação de estações arqueológicas romanas como *villa*, levam-nos a induzir não existirem, provavelmente, mais do que uma dezena de *villae*, até ao momento, na área em estudo.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. (1975) - Les Sigillées Sud-galliques. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R., *Fouilles de Conimbriga*. IV, Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, J. de (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, Lda.
- ALARCÃO, J. de (1990) - O domínio romano. In ALARCÃO, J., ed. - *Portugal. Das origens à romanização*. Lisboa: Presença, p. 359-392.
- ALARCÃO, J. de (1998) - A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 89-119.
- BELO, A. R. (1952) - Nótulas sobre a arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XIV - Época Romana. *Badaladas*. Torres Novas. 15 de Agosto 1952.
- BELO, A. R. (1953) - Nótulas sobre a arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XXX - Numismática. *Badaladas*. Torres Novas. 1 de Agosto 1953.
- BELTRÁN, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Pórtico Librerías.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) - *Les Sigillées. Belo*. Madrid: Casa de Velázquez.
- BYRNE, I. N. S. (1993) - A rede viária da zona W do município olisiponense (Mafra e Sintra). *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 2, p. 41-47.
- CAETANO, T. (1997) - *Musivária olisiponense. Estudo dos mosaicos romanos de Olisipo e da "Zona W" do Ager*. Lisboa. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- CARDOSO, G.; LUNA, I. (no prelo) - Últimos dados sobre a romanização no Concelho de Torres Vedras. Bombarral.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 4, p. 72-74.
- CARDOSO, J. L.; ANDRÉ, M. C. (1997/1998) - Acerca de uma tigela de terra sigillata clara da necrópole do Sol Avesso, Porto Salvo (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 219-226.
- CARANDINI, A. (1981) - Ceramica africana. In *Atlante delle Forme Ceramiche. I Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (Medio e Tardo Impero)*. Roma. p. 9-183.
- COUTINHO, H. (1997) - *Terra sigillata clara do Montinho das Laranjeiras - 1990 e 1991*. Alcútem: Câmara Municipal.
- DELGADO, M. (1975) - Sigillées claires. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - A propos des céramiques de Conimbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 14, p. 317-326.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999) - Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 83-95.
- FALCÃO, T. (2001) - *A romanização do concelho de Alter do Chão - A terra sigillata*. Lisboa. Prova de avaliação de final de curso apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- FONSECA, C. (2002) - *A terra sigillata do fundeadouro de Tróia*. Prova de Seminário de Licenciatura em História/Variante de Arqueologia, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GARCIA, E. B. (1971) - Em busca de Eburobrittium cidade pré-romana da Lusitânia. In *II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra. p. 457-462.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.

- HAYES, J. W. (1980) - *Supplement to Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- HERMET, F. (1934) - La Graufesenque (Condatomago). Paris: Librairie Ernest Leroux.
- HOFFMANN, G.; SCHULZ, H. (1995) - Cambio de situación de la línea costera y estratigrafía del holoceno en el valle del río Sizandro/Portugal. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*. Lisboa: IPPAR, p. 45-46.
- JUAN TOVAR, L. C. (1997) - Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la sigillata hispánica tardía. In *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*. Vol. 2. Segovia: Junta de Castilla y León, p. 543-568.
- JUAN TOVAR, L. C. (2000) - A terra sigillata de Quintanilla de la Cueva. In GARCÍA GUINEA, M. - *La villa romana de Quintanilla de la Cueva (Palencia)*. Memoria de las excavaciones 1970-1981. Salamanca: Junta de Castilla y León, p. 45-122.
- JÚNIOR, L. T.; LUNA I. de (1990) - Museu Municipal de Torres Vedras. Cem mil anos de História. Sessenta anos de vida. *Torres Cultural*. Torres Vedras. 3, p. 38-43.
- KUNST, M.; JÚNIOR, L. T. (1990) - Zur Besiedlungsgeschichte des Sizandrotals. Ergebnisse aus der Küstenforschung. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 31, p. 34-82.
- LOPES, M. C. (1994) - *A sigillata de Represas. Tratamento informático*. Coimbra: Universidade.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, J. R. (1985) - *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- MAIA, M. (1974-77) - Sigillata clara com decoração aplicada de Tróia. Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª série. 7-9, p. 365-381.
- MANTAS, V. G. (1982) - Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra. 21, p. 5-99.
- MANTAS, V. G. (1985) - Três inscrições romanas do Concelho de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra. 24, p. 125-149.
- MANTAS, V. G. (1996) - *A Rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra. Dissertação de Doutoramento em História (policopiada).
- MANTAS, V. G. (2000) - A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. In *Actas de História Medieval, Torres Veteras I*. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 9-25.
- MAYET, F. (1984) - *Les céramiques sigillées hispaniques*. 2 vols. Paris: E. de Boccard.
- MEZQUÍRIZ, M. A. (1961) - *Terra sigillata hispánica*. Valencia: The William L. Bryant Foundation.
- MEZQUÍRIZ, M. A. (1985) - Terra sigillata iberica. In *Atlante delle Forme Ceramiche, 2 - Ceramica Fina Romana nel Bacino Mediterraneo (Tardoellenismo e Primo Impero)*. *Enciclopedia delle Arte Antica Classica e Orientale*. Roma, p. 109-174.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares* - Balsa. Lisboa: IPM.
- PALOL, P.; CORTÉS, J. (1974) - *La villa romana de La Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia)*. *Excavaciones de 1969 y 1970*. Madrid: Ministerio de Cultura (Acta Arqueológica Hispánica; 7).
- QUARESMA, J. C. (1999) - Terra sigillata africana D e focense tardia das escavações recentes de Mirobriga. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 69-81.
- QUARESMA, J. C. (1999a) - Terra sigillata africana, hispánica, focense tardia e cerâmica africana de cozinha de Mirobriga (Santiago do Cacém). *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 137-200.
- RAPOSO, J.; DUARTE, A. L. (1999) - Duas taças de terra sigillata africana na Quinta do Rouxinol. *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 8, p. 75-86.
- RIBEIRO, J. C. (1982-1983) - Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Cavdicus*. *Sintria*. Sintra. 1:1-2, p. 151-476.
- RIBEIRO, J. C. (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo* - Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 3, p. 76-78.
- RIGOIR, J.; RIGOIR, Y. (1968) - Les sigillées paléochrétiennes grises et orangées. *Gallia*. Paris. 21:1, p. 174-244.
- RUIVO, J. S. (1995) - A circulação da moeda hispánica na Estremadura portuguesa: uma primeira abordagem. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio*. *Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 155-160.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, V. C. (2000) - *Catálogo das lucernas romanas do Museu Municipal de Torres Vedras*. Torres Vedras: Câmara Municipal.
- SILVA, C. T.; SOARES, A. C. (1980-81) - A Praça de Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 249-284.
- SOUSA, É. M. (1992) - Presença de “terra sigillata” Clara com decoração de relevos aplicados na *Villa* de Santo André de Almoçageme (Freg. de Colares, Conc. de Sintra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 385-390.
- SOUSA, É. M. (2001) - Contributos para o estudo da cerâmica focense tardia/“Late Roman C Ware” no *Municipium Olisiponense*. Sua representatividade no contexto peninsular. *Conimbriga*. Coimbra. 40, p. 199-224.